

Nos bastidores, alívio, queixas e balanços.

Encerrado o debate promovido pela **Bandeirantes**, à 1h30 da madrugada de ontem, a sensação entre os presentes ao estúdio da emissora era de que a maior perda fora dos ausentes. Em certo momento, pensou-se na possibilidade de o debate descambar para a “baixaria” — quando, no caminho, as regras foram mudadas, permitindo-se apartes, e depois voltou-se ao **script**. O episódio recordou 1985, quando a “baixaria” aconteceu no debate dos candidatos à Prefeitura de São Paulo e o ausente Jânio Quadros acabou vitorioso. Segunda-feira, porém, quem perdeu foram mesmo Fernando Collor de Mello (PRN) e Ulysses Guimarães (PMDB), que recusaram o convite para participar do debate.

A assessoria de Leonel Brizola (PDT) queria que os apartes continuassem. Bom de fala, ele cresceria no debate. Mário Covas (PSDB) e Afif Domingos (PL), no entanto, protestaram. “As regras não podem ser mudadas no meio do jogo”, dizia Covas. Enquanto isso, Luís Inácio Lula da Silva (PT) reclamava do curto tempo destinado às respostas. “No próximo debate, devem mudar os critérios, dando-se mais tempo e permitindo-se os apartes”, dizia.

Resolvido o impasse, o público convidado (cerca de 250 pessoas) fazia a avaliação do desempenho dos candidatos. O ex-ministro da Fazenda, Luís Carlos Bresser Pereira, ligado ao PSDB, achou “os candidatos da direita” — Paulo Maluf, do PDS, Afonso Camargo, do PTB, Ronaldo Caiado, do PSD, e Afif Domingos do PL — muito populistas.

“A direita toda está populista. Só o Aureliano Chaves não descambou”, comentava, referindo-se ao candidato do PFL. Já o deputado estadual do PDS, Paulo Ozório, comparava Aureliano ao personagem interpretado pelo comediante Ronald Golias, o Bartolomeu Guimarães. “Ele estava fora da realidade”, dizia.

Respeito ao público

O jornalista Roberto Muller Filho, vice-presidente do grupo **Gazeta Mercantil**, afirmava que, em respeito à opinião pública, Ulysses e Collor deveriam ter comparecido. “O candidato a um cargo público corre riscos e os que sabem ocupar espaços, como Brizola, aproveitam bem”, avaliava. Quem ocupou bem o espaço foi Roberto Freire, do PCB, na opinião de Márcio Fortes, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES): “Ele foi sintético e sincero, dando seu recado”, dizia.

Para o candidato à vice-presidência pelo PDT, deputado federal Fernando Lyra, esse primeiro debate serviu para os candidatos se conhecerem. “Não houve ganhadores nem perdedores”, afirmava. “Foi um reconhecimento e a tendência da campanha será a polarização, havendo uma redução natural no número de debatedores”.

Já Afif — que como os demais candidatos aceitou a proposta da TV **Bandeirantes** de realizar debates **tête-a-tête** (somente dois de cada vez) — dizia que se houver acordo vai ser muito melhor. Concordando com a opinião de Lyra, a prefeita de São Paulo, Luíza Erundina, do PT, afirmava que, quem ganhou com o debate, foi a democracia.

Houve também quem saísse criticando a **Bandeirantes**, como Carlos Brickman, assessor de imprensa do candidato do PDS. “Os jornalistas da rede não escalaram apenas o Maluf para fazer comentários”, criticava, acrescentando que o candidato foi indiscutivelmente discriminado.

Na opinião geral, contudo, a emissora foi elogiada por ter dado a largada para esquentar a campanha, realizando o primeiro debate de presidenciais da história da tevê brasileira.